

humanitas



Vol. XI-XII

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

Vol. 1
FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. VIII E IX DA NOVA SÉRIE
(VOLS. XI E XII DA SÉRIE CONTÍNUA)



COIMBRA
MCMLIX-LX



NOTÍCIAS E COMENTÁRIOS

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE ESTUDOS CLÁSSICOS

RELATÓRIO DAS ACTIVIDADES

ANO LECTIVO DE 1958-59

Com a regularidade e persistência que são timbre do seu propósito de contribuir efectivamente para o progresso e difusão dos estudos greco-latinos no nosso país, a Associação Portuguesa de Estudos Clássicos promoveu, durante os anos lectivos de 1958-1959 e 1959-1960 — segundo e terceiro das suas actividades —, reuniões destinadas à leitura e discussão de comunicações, debates sobre problemas do ensino do grego e do latim, conferências por professores portugueses e estrangeiros, audições de música inspirada em temas clássicos, projecções comentadas de diapositivos respeitantes a monumentos ou outros objectos da arte helénica, e visitas de interesse arqueológico. Merece ser assinalada, em particular, a inauguração, em Braga, de uma filial da Associação — o Centro Humanístico Clenardo.

A primeira reunião do segundo ano de trabalhos, realizada no Instituto de Estudos Clássicos em 21 de Novembro de 1958, destinou-se à eleição da nova Direcção. Por proposta dos Drs. Alexandre Fradique Morujão e João Manuel Bairrão Oleiro, a assembleia geral dos sócios reelegueu a Direcção cessante e louvou-a pelo zelo e competência manifestados no primeiro ano de exercício. A Vice-Presidente reeleita, Doutora Maria Helena da Rocha Pereira, expôs o plano de actividades previstas para as sessões seguintes e o Tesoureiro, Dr. António Zagalo, leu o relatório das contas de 1957-1958.

O ensino do grego nos liceus foi objecto de um animado debate na reunião de 15 de Dezembro. A Vice-Presidente salientou o interesse do tema e deu a palavra ao relator, Dr. Manuel de Oliveira Pulquério. Este fez uma exposição sobre os problemas mais instantes da didáctica

do grego, afirmando que um ensino da língua helénica, que aspire a ser eficiente, deverá atender aos seguintes aspectos fundamentais: 1) elaboração dos programas numa perspectiva de bom senso, fiel às realidades; 2) organização criteriosa de livros didácticos (dicionários, gramática, selecta); 3) orientação metodológica eficaz, atenta ao momento didáctico liceal e aos nexos necessários com o ensino universitário. Os problemas expostos foram depois examinados e comentados por todos os presentes. A Vice-Presidente insistiu na necessidade de esclarecer a opinião pública e de enraizar definitivamente entre nós a tradição dos estudos helénicos, iniciada com grande esplendor no Renascimento e tantas vezes propugnada por figuras ilustres do nosso País. Atenta a importância do assunto, ficou decidido redigir um parecer que, depois de submetido à apreciação dos sócios, fosse enviado às autoridades competentes. Para a elaboração do mesmo foram designados, na sessão seguinte, o Prof. Doutor Américo da Costa Ramalho e os Drs. Manuel de Oliveira Pulquério, Abílio Alves Bonito Perfeito e Maria de Jesus Gomes.

As actividades da Associação prosseguiram, no segundo período, com a leitura, em 26 de Janeiro, de uma comunicação da Dr.^a Maria de Lourdes Rodrigues sobre a *Antroponímia romana na Lusitânia*. Salientou a conferente que, tendo sido a Lusitânia, antes da vinda dos Romanos, ocupada por diversos povos, é frequente aparecerem nas inscrições nomes indígenas latinizados (em especial de origem céltica), a par de grande número de antropónimos puramente latinos, gregos e bárbaros trazidos pelos colonizadores. Estudou, em especial, os latinos e gregos — derivados uns de nomes comuns (reveladores do aspecto físico, de qualidades morais e intelectuais, de aspirações cristãs, de profissões, situações morais, sociais, etc.), outros de nomes de povos (sobretudo da Itália ou da Península Ibérica), outros ainda de nomes de deuses ou de figuras mitológicas. Observou, por último, que na toponímia e antroponímia portuguesas perduram muitos desses nomes; e que o estudo da distribuição da antroponímia romana da Lusitânia trará, sem dúvida, subsídios de interesse para os historiadores. Na discussão final do trabalho intervieram, além do Presidente, Prof. Doutor Américo da Costa Ramalho, que insistiu na urgência de se publicarem todas as inscrições romanas do nosso país, a Doutora Maria Helena da Rocha Pereira, Dr. Vincenzo Cocco, Dr.^a Maria de Jesus Gomes, P.^o Dr. Manuel Paulo e P.^o José Geraldês Freire.

Falou, na sessão de 16 de Fevereiro, o P.^o Dr. António de Brito Cardoso sobre *Particularidades do grego do Novo Testamento*. Começou por traçar uma breve história da *koinê* helenística e indicou, depois, as características mais salientes do grego bíblico: contribuições dialectais, hebraísmos, latinismos, termos da linguagem cristã, simplificação morfológica e sintáctica, maior expressividade. Sublinhou, em especial, a influência da língua hebraica sobre o estilo do grego bíblico e a contribuição do cristianismo para a renovação e enriquecimento do vocabulário. Apresentaram algumas dúvidas e sugestões o Prof. Doutor Américo Ramalho, a Doutora Rocha Pereira, os Drs. Walter de Medeiros, Manuel de Oliveira Pulquério e Maria de Jesus Gomes, e o P.^o José Geraldês Freire. A pedido do Presidente, o P.^o Dr. Brito Cardoso deu ainda, no final, esclarecimentos e informações sobre a cronologia dos textos do Novo Testamento.

Na sessão de 2 de Março, o Presidente congratulou-se com as manifestações de interesse e solidariedade que, em vários pontos do país, têm acompanhado os esforços para a vivificação do ensino das línguas clássicas nas escolas secundárias e superiores. Citou, a propósito, o artigo de D. Manuel Trindade Salgueiro, publicado no «Diário de Notícias» de 24 de Fevereiro, e leu a notícia de uma conferência, proferida na Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa, em que o Dr. Costa Sacadura salientou a grande importância do conhecimento da língua helénica para a solução de numerosos problemas de terminologia científica. Em seguida, o Dr. Manuel de Oliveira Pulquério leu uma exposição, a enviar ao Ministro da Educação Nacional, sobre a necessidade da manutenção do grego nos currículos liceais. Por diversas vias se justificava essa necessidade: a excelência dos estudos clássicos na formação da juventude, imprescindíveis para uma tomada de consciência das raízes da civilização ocidental; as reais virtudes educativas, inerentes ao aprendizado da língua grega; a própria lógica da conexão que deve existir entre o ensino liceal e o universitário; e, enfim, o argumento da tradição, sumariamente analisado desde a época do Renascimento em Portugal até às várias reformas liceais, realizadas no século passado. Intervieram na discussão do trabalho o Dr. Giacinto Manuppella, que pôs em relevo a incindibilidade da cultura greco-latina e insistiu na necessidade do conhecimento do grego para o entendimento cabal dos autores clássicos portugueses e estrangeiros, motivos pelos quais, em seu entender, o grego dos liceus deveria não apenas manter-se e reforçar-se,

mas ainda tornar-se extensivo aos estudantes destinados às Faculdades de Ciências; a Dr.^a Maria Alice Nobre Gouveia, que sublinhou o valor intrínseco do grego e manifestou a esperança de que a anunciada criação dos liceus clássicos pudesse resolver uma parte das dificuldades; a Dr.^a Maria de Jesus Gomes, que ponderou a vantagem de se mencionar o exemplo estrangeiro e leu depoimentos de alunos do liceu favoráveis à conservação do grego no último ciclo do ensino secundário; e o Prof. Doutor Américo Ramalho, que recordou o interesse prático e formativo do conhecimento da língua grega, o brilho do seu estudo durante todo o nosso Renascimento (em que sobressaía um grande mestre de portugueses e espanhóis, o aveirense Aires Barbosa) e o facto de, ainda na reforma do tempo de Pombal, o grego ser obrigatório para a frequência de medicina. No final, o Dr. Oliveira Pulquério recapitulou sumariamente os pontos a desenvolver ou a introduzir na exposição.

Anunciou o Presidente, na sessão de 30 de Abril, a criação, em Braga, de uma filial da Associação, o Centro Humanístico Clenardo, inaugurado com a presença do Subsecretário da Educação Nacional e todas as autoridades locais; e informou que o Ministro da Educação Nacional autorizara a filiação da Associação na Federação Internacional das Associações de Estudos Clássicos. Falou, em seguida, a Doutora Maria Helena Rocha Pereira sobre *Uma interpretação musical moderna da lírica catuliana*. Observou que, desde os começos da música moderna, em 1909, os temas clássicos avultam insistentemente na produção dos compositores. Uma longa linha de motivos helénicos, desde a *Electra* de Ricardo Strauss à *Oresteia* de Milhaud, ao *Sócrates* de Satie e ao *Rei Édipo* de Stravinsky, documenta claramente o facto. É nesta corrente de inspiração que se situa a que é considerada a melhor obra do alemão Carl Orff, a cantata *Catulli Carmina*, entusiasticamente recebida pela crítica autorizada. Executada por três coros, quatro pianos e instrumentos de percussão, um soprano solo e um tenor solo, dá expressão musical ao romance de Lésbia e de Catulo, através dos carmes 85, 5, 51, 58, 70, 109, 73, 32, 41, 8 e 87. Toda cantada em latim, reflecte, no seu ritmo, a paixão e a violência da poesia de Catulo. A estas considerações preliminares seguiu-se a audição integral de um disco microgravado dos *Catulli Carmina* de Carl Orff. A execução foi atentamente acompanhada pela assistência, a quem haviam sido distribuídas folhas com a transcrição das poesias aproveitadas pelo compositor.

Em 4 de Maio, a convite da Associação e com o patrocínio do Instituto de Alta Cultura, o Prof. Doutor Manuel Fernández-Galiano, catedrático da Universidade de Madrid, proferiu, em um dos anfiteatros da Faculdade de Letras, uma conferência intitulada *La Atenas de Menandro*. Estavam presentes numerosos professores e alunos. O Presidente fez uma elogiosa apresentação do Prof. Galiano, que, na sua revista *Estudios Clásicos*, tem acompanhado com interesse a actividade dos classicistas de Coimbra. O conferente estudou a época, muito curiosa do ponto de vista da evolução histórica e ideológica de Atenas, que medeia entre a batalha de Queroneia e o fim da tirania de Lácares: perto de cinquenta anos em que foram desaparecendo, um após outro, os democratas atenienses, substituídos, na cena política, por governantes filomacedónicos. São documentos capitais para o melhor conhecimento deste período as comédias de Menandro, as quais, se, em regra, contêm poucos dados sobre acontecimentos históricos, reflectem, em contrapartida, de forma admirável, o modo de viver e de pensar da sociedade burguesa do seu tempo. Além disso, também nelas se encontra abundante documentação sobre o ideário peripatético da filantropia que, em um mundo ampliado pelas conquistas de Alexandre e aberto a novos horizontes geográficos e sociais, constituiu campo de cultura esplêndido para a floração posterior do cristianismo nas terras do Mediterrâneo oriental.

A última reunião mensal do segundo ano de actividades da Associação realizou-se a 15 de Junho e foi preenchida com uma visita de estudo ao criptopórtico de Aeminium, situado sob o Museu Machado de Castro. Em lição prévia, ilustrada com projecções, o Dr. João Manuel Bairrão Oleiro salientou o valor excepcional do criptopórtico, indicou a sua possível finalidade, historiou as várias fases das escavações empreendidas e mostrou algumas esculturas notáveis, ali recentemente encontradas, que documentam a existência de uma arte regional bimilenária. Seguiu-se a visita às galerias, terminada a qual o Presidente agradeceu ao Dr. Oleiro e aproveitou o ensejo para rectificar as notícias de alguns jornais portugueses sobre a posição do latim nos exames de admissão às Universidades de Oxford e Cambridge: o latim não fora suprimido — apenas se concedera, aos candidatos à admissão em Ciências, a faculdade de optarem entre esta língua, o alemão e o russo; e verificara-se que a maioria continuava preferindo o latim.

ANO LECTIVO DE 1959-60

Em 24 de Novembro a Associação Portuguesa de Estudos Clássicos iniciou o seu terceiro ano de actividades com a sessão habitual destinada à escolha da nova Direcção. Propôs o Dr. Giacinto Manuppella que fosse reeleita a Direcção anterior, mas o seu alvitre não pôde ser integralmente aceite por motivo da próxima retirada, para o Ultramar, do Tesoureiro cessante, Dr. António de Matos Zagalo. A Vice-Presidente reeleita agradeceu ao Dr. Zagalo a sua actividade eficiente em prol da Associação, e propôs a nomeação do Dr. Manuel de Oliveira Pulquério para o desempenho do cargo que ficava vago. Esta proposta foi aceite por unanimidade. Em seguida, a Vice-Presidente expôs o plano de actividades do ano iniciado e informou os presentes da admissão, na Federação Internacional de Estudos Clássicos, da Associação Portuguesa de Estudos Clássicos, que estivera representada pelo seu Presidente, Prof. Doutor Américo Ramalho, no último Congresso de Estudos Clássicos, realizado em Londres. Por último, o Tesoureiro cessante leu o relatório das contas do ano anterior.

O significado do riso nos poemas homéricos foi o tema desenvolvido pelo Dr. Manuel de Oliveira Pulquério na sessão de 10 de Dezembro. Observou o conferente que uma interpretação do riso homérico exigia uma análise dos princípios ideológicos e estéticos que estão na base da *Iliada* e da *Odisseia*. Ao proceder a essa análise, discutiu alguns conceitos morais e religiosos, fundamentais para a compreensão dos dois poemas, e chegou às seguintes conclusões. O riso homérico é, antes de mais, um princípio de equilíbrio do estilo épico. Numa atmosfera saturada de maravilhoso, o riso do poeta corrige as ampliações, trazendo um mundo transfigurado às suas proporções verdadeiras. É, depois, um elemento catártico, que aligeira a tensão dramática dos episódios. É, ainda, uma força purificadora no domínio ético-religioso. O riso homérico, enfim, é uma afirmação de optimismo e vitalidade, de simples adesão humana à vida. — Seguiu-se uma troca de impressões em que participaram o Dr. Giacinto Manuppella, o Prof. Reis Santos, o P.^e Dr. Manuel Paulo e a Doutora Maria Helena da Rocha Pereira. Em demorada análise, a Vice-Presidente observou que o trabalho tinha o mérito principal de encarar muitos problemas e revelar um apreciável esforço de interpretação. Disse concordar com a opinião expressa

pelo conferente de que nunca os deuses homéricos se devem considerar meras abstrações ou puros artificios literários e, a propósito da sua influência na acção, citou a opinião de Snell, o qual entende que os heróis homéricos se distinguem dos trágicos em agirem impelidos por uma inspiração divina. Em relação a outros pontos afirmou a sua discordância, como, por exemplo, quanto à afirmação de que o conceito de justiça se encontra já elaborado na *Iliada*, antes de assumir a importância que todos lhe reconhecem na *Odisseia*. Fazia também algumas reservas quanto à tese da permanência de alguns aspectos da religião mediterrânica na obra de Homero, porquanto a obscuridade da matéria não favorece as deduções. O conferente respondeu sucintamente às observações feitas, justificando a posição ideológica do seu trabalho.

Na sessão de 27 de Janeiro de 1961, ocupou-se da *Didáctica do latim* o P.^o Dr. António Freire, S. J., presidente do Centro Humanístico Clenardo, filial da Associação em Braga, e participante no último Congresso Internacional do Latim Vivo (Lião, Setembro de 1959). Depois de enaltecer o valor formativo das línguas clássicas, e de discutir alguns critérios pedagógicos, o Rev. Dr. Freire insistiu na necessidade de amiar, em conferências, colóquios e lições, o emprego do latim como língua viva e actual. Intervieram na apreciação final do trabalho, quer manifestando dúvidas sobre a exequibilidade das sugestões e métodos propostos, quer discutindo alguns aspectos práticos do problema, nomeadamente o da pronúncia da língua latina, os Padres Almeida Matos, Geraldês Freire, Lopes Santos e Dr. Manuel Paulo, e ainda o Dr. Bonito Perfeito, Dr. Simão Portugal e Doutora Maria Helena da Rocha Pereira.

Desenvolvendo, sob a forma de lição, o tema *A cerâmica grega — seu valor artístico e documental*, a Doutora Rocha Pereira expôs, na sessão de 17 de Fevereiro, as razões que tornam sumamente importante este novo e difícil ramo da ciência da antiguidade, indispensável para o conhecimento aprofundado da religião, do teatro, da poesia épica e lírica, da arte e da língua, da vida quotidiana do povo grego; e traçou um breve quadro da evolução da pintura vascular, desde o período arcaico ao limiar da época helenística. A lição foi ilustrada com numerosos diapositivos, que deram à Doutora Rocha Pereira o ensejo de caracterizar as escolas, os pintores e outros elementos culturais de interesse.

Em 29 de Março, o P.^o Dr. Domingos Maurício, S. J., apresentou uma comunicação sobre *Jorge Buchanan em Coimbra*. Depois de uma breve introdução sobre a figura moral e literária do humanista escocês, estudou demoradamente os reflexos de Portugal e de Coimbra na obra de Buchanan, em especial nas suas relações com outros lentes do Colégio das Artes — nomeadamente Belchior Beleago, Azpilcueta Navarro, Diogo de Teive, António de Gouveia — e com certas figuras femininas (Leonor, Neera, Amarílis) que lhe inspiraram numerosas poesias eróticas e satíricas. Apresentaram dúvidas e pediram esclarecimentos o Prof. Doutor Costa Pimpão e a Doutora Rocha Pereira.

Alguns aspectos do classicismo de António Ferreira foram evocados pela Doutora Maria Helena da Rocha Pereira na conferência que proferiu, perante numerosa assistência de professores e alunos, na sessão de 29 de Abril. Referiu-se ao duplo influxo humanístico que se patenteia na obra do poeta — o do ambiente universitário coimbrão e o das relações com os maiores representantes da escola italiana em Portugal — e concentrou a sua atenção no estudo das fontes clássicas das odes, elegias e éclogas, para identificar numerosas imitações, ou contaminações, quer literais, quer livres, de Catulo, Horácio, Virgílio, Teócrito, Pseudo-Anacreonte e Mosco. A conferente terminou por salientar o importante contributo trazido por Ferreira à maleabilidade e riqueza da língua pátria.

O Doutor Mário Júlio de Almeida e Costa ocupou-se, na sessão de 11 de Maio, de *Perspectivas da evolução do Direito Romano*. Depois de definir o conceito e a importância do Direito Romano, estudou as três fases principais da sua evolução — nacional («ius ciuile»), universal («ius gentium»), oriental (bizantino, nomeadamente justinianeu) — e manifestou a sua confiança na vitalidade sempre renovada daquela disciplina. O Doutor Almeida e Costa deu ainda, no final, alguns esclarecimentos que lhe foram pedidos pelo Dr. Castanheira Neves sobre o conceito de actualidade do Direito Romano, e pelos Doutores Maria Helena da Rocha Pereira e Torquato de Sousa Soares sobre a originalidade do mesmo Direito em relação às legislações gregas e orientais.

Uma visita de estudo às antiguidades romanas do Museu Machado de Castro encerrou, a 7 de Junho, o terceiro ano de actividades da Associação. Além dos membros da Direcção e de alguns sócios, estiveram

presentes outras pessoas, atraídas pelo desejo de apreciar estátuas, mosaicos e inscrições encontradas nas escavações de Conimbriga e que vão ser transferidas para o museu em construção naquela estação arqueológica. Orientou a visita o Dr. João Manuel Bairrão Oleiro, que deu explicações sobre cada uma das peças principais e acompanhou os presentes através das galerias do criptopórtico de Aeminium, a fim de lhes mostrar os últimos progressos obtidos durante os trabalhos de desobstrução.